

O HOJE

JORNAL O HOJE

Goiânia-GO, sexta-feira, 13 de maio de 2011.

SEJA HOMEM, NÃO BATA EM UMA MULHER!

***Por MARCELO DI REZENDE**



SEJA HOMEM, NÃO BATA EM UMA MULHER!

*Marcelo Di Rezende

Já dizia o notório filósofo francês Jean-Paul Sartre, "*a violência, sob qualquer forma que se manifeste, é um fracasso*". Sem dúvida, não é de hoje que a imposição a uma subordinação da mulher em todos os seus aspectos seja por todos conhecida, pois encontramos raízes deletérias deste triste acontecimento desde o primeiro alicerce fundado na construção da falsa ideologia, até então aceita, 'da superioridade do homem', esta já existente há 2500 anos nos continentes antigos, onde a mulher era vista apenas como um objeto ou um mero brinquedo de luxo.

Entretanto, mesmo diante desse reprovável quadro de ululantes absurdos, várias culturas ainda aprovam, toleram ou mesmo justificam diversas e diferentes atrocidades que são endereçadas contra a mulher, sendo essas atitudes, fruto de normas de conduta distorcidas a respeito do papel e das responsabilidades de homens e mulheres na sociedade, conforme vimos na reportagem publicada pelo jornal O Popular no último domingo, com relação às condições de vida das mulheres no Irã.

No mundo, um em cada cinco dias de falta no trabalho feminino é consequência da violência doméstica, aduzindo que as consequências do estupro e da violência doméstica para a saúde das mulheres são próximas aos efeitos das doenças cardiovasculares e mais expressivas que as encontradas para todos os tipos de câncer.

No caso do Brasil possuímos dados igualmente graves, pois, segundo a Fundação Perseu Abrão e o Instituto Patrícia Galvão, a cada 15 segundos uma mulher é agredida em razão do uso abusivo de bebida alcoólica ou por ciúme doentio de certos homens, fazendo com que elas apontem nestas pesquisas que o problema que mais as afligem hoje é a violência doméstica.

Creemos, com solidez, que a violência contra a mulher não respeita fronteiras de classe social, raça, religião ou idade, devendo ser considerado como uma questão de saúde pública, além de uma clara violação explícita dos direitos humanos, o que não mais podemos aceitar no mundo moderno em que vivemos.

Os maus-tratos sequenciais ainda vividos pelas mulheres no nosso mundo moderno, pasmem, na sua grande maioria praticados pelos seus próprios parceiros, podem produzir efeitos permanentes na sua auto-estima e qualidade de vida, onde tentativas de suicídio tornam-se constantes, fazendo com que elas passem somente a viver a custa de ansiolíticos.

Em que pesem estas tristes alegações, aliado ao fato de que apenas 44 países aprovaram legislação contra a violência doméstica, sendo também que somente 27 deles têm leis contra assédio sexual, no âmbito jurídico, certos avanços foram conseguidos pela mulher, tais como: retirada do conceito de mulher honesta para vítimas de abuso sexual, efetivada a criminalização do tráfico de mulheres, do turismo sexual com menores, da mutilação genital feminina, além da aprovação do fim do dote obrigatório e, mais recentemente, a inclusão no Código Penal em vigor do tipo descrito como o de violência doméstica, conquistas estas obtidas por intermédio de muito esforço e luta em prol da classe feminina.

Todavia, é pacífico o entendimento de que há muito mais ainda o que se avançar, pois é sabido que a maior parte daqueles que praticam estas incessantes e inarráveis violências, costumam sofrer pouquíssima ou nenhuma punição.

Para enfrentarmos esta cultura machista e patriarcal, são necessárias políticas públicas transversais que atuem modificando a discriminação e a incompreensão absurda de que os Direitos das Mulheres são também Direitos Humanos! Modificar o ignorante entendimento da subordinação de gênero requer uma ação conjugada e seriamente articulada entre os programas dos Ministérios da Justiça, da Educação, da Saúde, do Planejamento e todas as entidades protetivas existentes.

Diga-se, ao final, que tais políticas públicas devem visar o mesmo desiderato, qual seja, a equidade entre homens e mulheres, constituindo, destarte, um caminho digno e sério para alterar a violência em geral e de gênero em particular, sem nos esquecermos que o objetivo maior somente será cumprido com a plena e total participação da sociedade civil como um todo.

Desta forma, estas e outras atitudes unidas sob um mesmo prisma, devem se constituir como fiel prioridade, no intuito de cumprirmos um dos mais belos ditados encontrado no *Talmud*, livro sagrado onde se reúnem condensados todos os depoimentos, ditados e frases pronunciadas pelos Rabinos através dos tempos e que termina assim: *“Cuida-te quando fazes chorar uma mulher, pois Deus conta as suas lágrimas. A mulher foi feita da costela do homem, não dos pés para ser pisada, nem da cabeça para ser superior, mas sim do lado para ser igual, debaixo do braço para ser protegida, e ao lado do coração para ser amada”*.

*Advogado, Mestrando em Direito, Professor da PUC-GOIÁS e da ESUP/FGV, Membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, do Instituto Brasileiro de Direito Processual, da Academia Goiana de Direito e da Academia Goianiense de Letras.

